

**“FRONTEIRIÇOS NA AMÉRICA: PIONEIROS OU BÁRBAROS? (CONSTRUÇÕES  
HISTÓRICO-LITERÁRIAS NO SÉCULO XIX)”**

**Cesar Augusto Barcellos Guazzelli**

O tema da fronteira foi muito relevante na construção das identidades americanas especialmente durante o processo de formação dos Estados nacionais, ensejando aos intelectuais americanos reflexões sobre suas origens, dilemas e soluções para os problemas dos jovens países. Nos Estados Unidos, a partir de relatos da fronteira, escritores como Filson e Cooper criaram a imagem dos *frontiersmen* como os únicos que expandiam os limites da nação, vendo neles qualidades ausentes nos europeus; à descolonização seguia-se o processo de apropriação dos espaços, e os *pioneers* tornaram-se os legítimos portadores do futuro. Por outro lado, na América platina aos fronteiriços que desbravavam os espaços foram atribuídos os principais males dos Estados que se criavam: desde as “memórias” do período colonial, como a de Azara, até os ensaístas, como Sarmiento, foram preconizadas as políticas de subjugação forçada da “barbárie”. Refletir sobre tais representações é o objetivo deste texto.

Serão inicialmente destacados para alguns dos elementos construíram o *frontiersman* mitologizado, elevado a paradigma do esforço civilizatório dos Estados Unidos. Certamente os primeiros fronteiristas das colônias inglesas norte-americanas foram aqueles que ocuparam a Virgínia, mas dificilmente a imagem do *frontierman* americano estará associada aos agricultores puritanos, mas ao *trapper*<sup>1</sup>, vestido de couro, gorro de pele, um longo fuzil e o *tomahawck* indígena. A acirrada disputa entre França e Inglaterra permitiu a afirmação destes homens adaptados à fronteira e que, de caçadores e mercadores de peles, tornaram-se guias das tropas quando não chefes de milícias e negociadores de complicadas alianças com as parcialidades índias.

Eles eram, no entanto, marginais ao sistema colonial da Nova Inglaterra, voltada para a agricultura, para a extração de petrechos náuticos, e para a marinha mercante. Exploravam as florestas que se estendiam pelo vasto território da Louisiana, onde primeiro se estabeleceram caçadores de origem francesa. O *trapper* americano aprendeu com os franceses – e ambos com os índios – os segredos da terra, mas ele se tornou o primeiro modelo de "homem da fronteira". O exemplo canônico destes *frontiermen* foi Daniel Boone, que nasceu na Pensilvânia em 1734; viveu na fronteira da Carolina do Norte com a Louisiana francesa, e foi dos primeiros americanos a chegar ao atual Kentucky em 1775<sup>ii</sup>, Daniel Boone foi imortalizado pelo relato de John Filson, *The Adventures of Colonel Daniel Boone*, de 1784, com ampla difusão nos Estados Unidos e na Europa; suas memórias tornaram-se referências sobre os *frontiersmen* que viviam longe da civilização.<sup>iii</sup>

A compra da Louisiana em 1803, motivou o governo dos Estados Unidos a promover o conhecimento do país até o Pacífico. Por iniciativa do presidente Jefferson, iniciou em 14 de maio de 1804 a expedição de Meriwether Lewis e William Clark; saindo de Saint Louis, subiram o rio Missouri, em cujas planícies onde fizeram os primeiros contatos com os *dakota*; mais tarde encontraram *arikaras* e *mandans*, que lhes forneceram as canoas para alcançarem as Rochosas, além de comida e vestuário indígenas. Entre os *mandans* circulavam diversos índios visitantes e caçadores franco-canadenses, e na trabalhosa viagem, antes de chegarem ao Pacífico ainda manteriam aproximações com *shoshones*<sup>iv</sup>, *flatheads* e *nez percés*. A publicação do diário da expedição em 1814<sup>v</sup>, foi um grande incentivo para que outros procurassem os caminhos para o oeste, sucedendo-se novos santuários de caça e contatos com tribos ainda desconhecidas.

A difusão das andanças de Boone, e de Lewis e Clark prepararam o terreno para a recepção de novos panegíricos sobre os *frontiersmen*, como o sucesso dos romances de

James Fenimore Cooper, que superaram quaisquer autores americanos ou estrangeiros.. A série – *The Leatherstocking Tales* – foi iniciada com *The Pionners*, editado em 1823, apresentando o personagem Natty Bumppo – “*hunter, scout, pathfinder, trapper*”<sup>vi</sup> – já na maturidade, pretendendo viver seus últimos anos na fronteira (a aventura inicia no ano de 1793); as pretensões de Bumppo esbarram no avanço da “civilização”, movendo-o a uma nostálgica procura de terras livres onde possa recuperar a liberdade perdida. Assim como os índios, aqueles que avançam a fronteira são também vitimados pela sociedade de povoadores que lhes segue: abrir novos espaços, tal como “*Daniel Boone, whose career was entering the realm of legend even as Cooper wrote, and whose yearning of untrammeled nature had led him in his old age to flee further and further west before the advancing agricultural frontier*”<sup>vii</sup>, era o destino dos pioneiros americanos.

A obra mais conhecida de Cooper seria o segundo livro da série, *The Last of the Mohicans*, publicado em 1826; o tempo recua para 1757, quando Bumppo é acompanhado pelos *moicanos* Chingachgook e seu filho Uncas. Em 1827 Cooper lançou *The Prairie*, retomando os últimos anos de Natty Bumppo, agora se adentrando “*from the Atlantic states, to the eastern shores of the Father of the Rivers*”<sup>viii</sup>. A busca da natureza intocada pelos pioneiros arrasta um caudal de seguidores, antecipando o “Destino Manifesto”. Em 1840 Cooper retomaria a série com *The Pathfinder*<sup>ix</sup>, cuja ação se passa dois anos após os incidentes de *The Last of the Mohicans*; em 1841, *The Deerslayer*, mostraria os primeiros passos do jovem Bumppo com presumíveis dezoito anos.

Na década de 1830, as questões fronteiriças mais preocupantes se deslocavam cada vez mais para oeste e os problemas envolviam o México, especialmente na antiga província *Las Tejas*<sup>x</sup> que, no ocaso da exploração colonial, constituía um “vazio” onde viviam escassamente uns 3.000 *tejanos*. Assim, foi benvindo o pedido de Moses Austin, do Missouri, para colonizar parte do território com trezentas famílias, que jurariam o

Catolicismo Romano e fidelidade à Espanha. Seu filho Stephen Austin iniciou o povoamento do leste texano em 1821, pouco antes da independência do México; o Texas tornou-se um santuário para os perseguidos pelas leis dos diversos estados americanos que buscavam oportunidades longe. No final da década de 1820 a população de anglo-americanos já superava os 7.000, mais que o dobro dos *tejanos* de fala espanhola.

Alguns protagonistas da futura saga texana estavam chegando do leste. Um deles, que havia feito fortuna no tráfico de escravos e de terras, era Jim Bowie, afamado na Louisiana pelas mortes que causou em duelos de facas<sup>xi</sup>. Outro fronteiroço destacado foi William Barrett Travis, advogado da Carolina do Sul, de onde fugira por haver matado em duelo para viver no Texas como jogador profissional e explorando a prostituição. O futuro comandante das forças texanas, Samuel Houston, era também um *frontiersman* de reputação discutível: nascido na fronteira oeste do Tennessee, viveu entre os *cherokee*, e ainda jovem fez parte das milícias que combateram os *creek*, chegando a general; foi congressista e governador de seu estado; esta carreira fulgurante seria interrompida por conflitos e escândalos<sup>xii</sup> e, renunciando ao cargo, migrou em 1832 para o Texas<sup>xiii</sup>.

Em 1835 agregou-se a esses homens David Crockett, nascido em 1786 numa cabana de pioneiros no leste do Tennessee<sup>xiv</sup>. Em sua autobiografia, Davy Crockett salienta a importância da luta com os indígenas pela ocupação das terras<sup>xv</sup>: as migrações cada vez mais para oeste motivaram a guerra com os *creek*, onde iniciou a carreira de de miliciano, onde adquiriu prestígio. Também – “*always delighted to be in the very thickest of danger*”<sup>xvi</sup> – destacou-se como caçador, o que lhe deu popularidade para concorrer ao legislativo do estado do Tennessee. Manteve sua vida política apoiada em sua história de *b’ar hunter* e de *frontiersman*, o que lhe dava base para defender os posseiros que rumavam para oeste. Isso motivou a publicação da autobiografia em 1834,

descrevendo seu passado na fronteira. Derrotado nas eleições em 1835, rumou para o Texas.

Em 2 de março de 1836 foi proclamada a República do Texas; no dia 6 de março, 2.600 soldados mexicanos atacaram o forte do Alamo sem clemência e mataram todos seus pouco mais de cem ocupantes, entre eles os coronéis Travis, Bowie e Crockett. A tomada do forte ao invés de abalar os rebeldes, galvanizou a fronteira, e estimulou a vinda de mais voluntários dos estados do sul, enquanto Houston seguia com sua estratégia de guerrilhas. Antes da batalha de San Jacinto, quando derrotou e obteve a rendição do comandante mexicano Santa Anna, usava o exemplo dos guerreiros do Alamo para emular os soldados: *Remember the Alamo!*<sup>xvii</sup>

A independência do Texas seria propalada como uma segunda afirmação dos norte-americanos, e os símbolos construídos restituíam os antigos pioneiros e seus feitos nas fronteiras e na guerra de emancipação. Aqueles homens, proscritos em seus estados, eram agora heróis incontestes e representavam as melhores qualidades americanas. Mais que todos Davy Crockett era o grande ídolo nacional. De 1835 até 1856 foram editados os *Crockett Almanacs*, além da sua já citada autobiografia: os norte-americanos deram um nexos entre a expansão para o oeste e sua história em busca de liberdade e autonomia, e o *Manifest Destiny* tinha já plantadas suas bases culturais e ideológicas.

A construção identitária do fronteiriço no Prata trilhou caminhos muito diversos. Desde a *Memória* do ilustrado espanhol Félix de Azara<sup>xviii</sup>, que no alvorecer do século XIX identificava os males dos moradores da campanha fronteiriça, destacando a pouca vontade para o trabalho e suas precárias condições de existência, desenvolveu-se no Prata, especialmente pela chamada “geração de 1937”, entre eles Domingo Faustino Sarmiento e Juan Bautista Alberdi, uma literatura que deplorava os naturais da terra. O fato objetivo de que a independência contrariara a expectativa das elites *criollas* não

trazendo como conseqüência imediata o “progresso” das antigas colônias levou os autores a desenvolver uma série de relações de causalidade que justificasse o “atraso”.

Um dos pontos essenciais é a questão racial. A dicotomia entre civilização e barbárie tem neles uma ampla relação de equivalências que termina necessariamente em “homem europeu” e “homem americano”. O europeu é um tipo humano “superior” ao ameríndio, ao negro e ao asiático, sendo esta a contingência última de seu crescimento intelectual, conseqüentemente cultural e político. Sarmiento afirma sobre a miscigenação entre europeus, índios e negros que *“de la fusión de estas tres familias ha resultado un todo homogéneo, que se distingue por el amor a la ociosidad y incapacidad industrial”*<sup>xix</sup>. Alberdi compartilha idéias análogas. Em seu texto *Governar é Povoar*, que serve de preâmbulo à edição brasileira de “Bases”, é igualmente clara sua noção de superioridade do branco particularmente dos anglo-saxões, como neste paralelo que traçou entre as colonizações na América do Norte e do Sul: *“Povoar é civilizar, quando se faz com gente civilizada, isto é, com populações da Europa civilizada”*<sup>xx</sup>

Também arrolada como causa “natural” do atraso, especialmente por Sarmiento, seria o condicionamento oferecido pelo meio ambiente, obedecendo a uma ótica tipicamente “evolucionista”, como o anterior. Entrariam em jogo, principalmente, a extensão territorial que implicava num vazio populacional relativo, e a hostilidade característica do ambiente natural: *“El mal que aqueja a la Republica Argentina es la extensión; el desierto la rodea por todas partes, se le insinúa en las entrañas; la soledad, el despoblado sin una habitación humana”*<sup>xxi</sup>; vida nas propriedades rurais desde o início condicionava seus povoadores ao convívio com o sacrifício dos animais, habituando-os ao sangue derramado, e ao manejo dos cavalos, o que daria a base para as *montoneras* das guerras civis. Em Alberdi, apesar de menos desenvolvida que em Sarmiento, a

preocupação com o condicionamento ambiental não é menor, já que a geografia de grandes espaços vazios contribuiria para reverter homens e até animais domésticos ao estado de selvageria: *“Como deserto, o novo mundo tem uma ação retardatária e reacionária sobre o antigo.”*<sup>xxii</sup>

Desta forma, a campanha argentina apresenta um atraso que precisa ser revertido através de uma modificação levada em dois sentidos: desenvolvimento de comunicações que desfizessem o isolamento, e mudanças na atividade econômica, trazendo populações “superiores” que vejam no trabalho da terra uma possibilidade de riqueza, e buscando sua riqueza individual tragam o bem da coletividade – uma síntese quase do pensamento liberal. Por outro lado, se na campanha se localiza todo o atraso, é nas cidades portuárias que se concentrava quase uma transposição da civilização européia. As múltiplas atividades proporcionadas pela cidade, beneficiada com o contato fácil com o exterior, faziam dela a antítese do que se operava no interior. Sarmiento é explícito: *“La ciudad es el centro de la civilización argentina, española, europea; allí están los talleres de las artes, las tiendas del comercio, las escuelas y colegios, los juzgados, todo lo que caracteriza, en fin, los pueblos cultos”*<sup>xxiii</sup> Alberdi faz uma classificação distinta de Sarmiento, mas utilizando os mesmos matizes. Não é exatamente a pertinência ou não às cidades que definiria a civilização ou a barbárie, mas a localização no litoral ou no interior<sup>xxiv</sup>.

Temos assim bem caracterizada nos dois autores uma dualidade: existem convivendo simultaneamente duas sociedades, e uma delas, por sua inserção no mundo moderno, deve necessariamente transformar a outra. Esta é a base para o raciocínio de Sarmiento e Alberdi de que existem etapas históricas a serem transpostas: o mundo moderno está presente “objetivamente” nas cidades ou no litoral, mas o interior, onde predominam as atividades rurais ainda aos moldes coloniais, está atrasado em relação a este

desenvolvimento, pertencendo portanto a uma etapa “medieval” ou “feudal”. Este é o aspecto central da obra destes autores, já que é por primeira vez que surge o “diagnóstico feudal” como explicativo para os problemas argentinos. Ao contrário dos norte-americanos, os intelectuais platinos condenavam os hábitos dos seus fronteiriços, e propunham a intervenção violenta de um Estado “civilizado” para a superação do que, para eles, eram os males atávicos do subcontinente, resultados de uma mescla de raças inferiores em contato com um meio físico hostil.

Estes aspectos principais levantados pelos autores liberais só seriam contestados pela literatura “gauchesca” dos últimos decênios do século XIX, que cresceria como uma forma de resistência ao mundo “civilizado”. Um estudo comparativo mais aprofundado, marcando uma tão grande diferença na construção das representações e identidades, é decerto necessário para a compreensão dos problemas históricos do continente americano, mas ultrapassa os limites deste artigo.

---

<sup>i</sup> Palavra sem tradução em português; é o caçador de peles que se utiliza de armadilhas.

<sup>ii</sup> FILSON, John. The Discovery, Settlement and present State of Kentucke. Appendix: The Adventures of Col. Daniel Boone. In: LEMAY, J. A. Leo (ed.). *Na Early American Reader*. Washington: United States Information Agency, 1989, p. 491-502. John Filson atribuiu a Daniel Boone a descoberta do “caminho do Kentucky”, uma das primeiras trilhas para o oeste.

<sup>iii</sup> BOONE, Daniel & HAWKS, Francis L. *Daniel Boone: His Own Story & The Adventures of Daniel Boone, the Kentucky Rifleman*. Bedford (Massachusetts): Applewood Books, 1996, p. 29.

<sup>iv</sup> Indígenas criadores de cavalos, fundamentais para o prosseguimento da expedição. O fato de já estarem habituados a montar antes de terem contatos com os brancos é sugestivo do grau de “mestiçagem cultural” ensejado pela fronteira.

<sup>v</sup> DE VOTO, Bernard (ed.). *The Journals of Lewis and Clark*. Boston: Houghton Mifflin, 1999.

<sup>vi</sup> NEVIUS, Blake. Introduction. In: COOPER, James Fenimore. *The Prairie*. New York: Penguin Books, 1987, p. viii.

<sup>vii</sup> Id. *Ibid.*, p. xi.

<sup>viii</sup> COOPER, James Fenimore. *The Prairie*. New York: Penguin Books, 1987, p. 9.

<sup>ix</sup> COOPER, James Fenimore. *The Pathfinder (or The Inland Sea)*. New York: Penguin Books, 1980.

- 
- <sup>x</sup> Em espanhol arcaico escrevia-se *Las Texas*, daí o nome que teria o futuro estado norte-americano.
- <sup>xi</sup> Atribui-se a Jim Bowie a invenção da faca de caça de lâmina larga que leva seu nome. DOMENECH, Abel. *Del Facón al Bowie*. Buenos Aires: El Alamo, 1988.
- <sup>xii</sup> WARD, Geoffrey C. *The West. An Illustrate history*. Boston: Little, Brown and Cia., 1996, p. 70-71.
- <sup>xiii</sup> Id. *ibid.*, p. 65.
- <sup>xiv</sup> CROCKETT, David. *A Narrative of the Life of David Crockett of the State of Tennessee*. Lincoln: Nebraska University Press, 1987, p. 15.
- <sup>xv</sup> Id., *ibid.*, p. 15-16.
- <sup>xvi</sup> Id., *ibid.*, p. 43.
- <sup>xvii</sup> WARD, op. cit., p. 78.
- <sup>xviii</sup> AZARA, Felix. *Memória sobre el Estado Rural del Rio de la Plata y Otros Ensayos*. Buenos Aires: Editorial Bajel, 1943.
- <sup>xix</sup> SARMIENTO, *Facundo...*, p. 23-24.
- <sup>xx</sup> ALBERDI, Juan B. Governar é Povoar, op. cit., p. 34-36.
- <sup>xxi</sup> SARMIENTO, *Facundo...*, Op. Cit., p. 23.
- <sup>xxii</sup> ALBERDI, Governar é Povoar..., p. 40.
- <sup>xxiii</sup> SARMIENTO, Op. Cit., p. 25.
- <sup>xxiv</sup> ALBERDI, *Bases y Puntos...*, p. 83.